

Apresentação

Instabilidade, excesso, deriva, indeterminação, fragmentação, hibridismo, diferença – através da abordagem desses temas, o pensamento crítico tem procurado, nas últimas décadas, dar conta da intrincada rede de transformações que caracterizam nossa contemporaneidade. Esta, em sua contraditória produtividade, se fundamenta, de fato, na radicalização do processo de problematização e redefinição de práticas, valores, limites e cânones que desde a modernidade vem afetando a vida sociopolítica em larga escala e nas mais diversas instâncias. Desde a globalização, a crescente internacionalização do capital e do mercado, a desconstrução das fronteiras políticas e culturais da nacionalidade, a intensificação de novos fluxos migratórios, a aceleração do consumo de informações e imagens, o aparecimento de formas novas e mais localizadas de conflito e resistência anti-hegemônica, bem como de definição de identidades, esse processo repercute fortemente no modo de produção e reflexão da cultura.

Os ensaios reunidos neste número 17 da revista Gragoatá tentam dar conta dessa contraditória produtividade nos campos da literatura, da língua e no de suas teorias, historiografias e pedagogias. Neles são focalizados, de diferentes ângulos, as manifestações da instabilidade e da mobilidade na redefinição de práticas de subjetivação e de comunicação intersubjetiva, no questionamento de formas e valores canônicos, na ampliação de meios e procedimentos de circulação e recepção da produção estética .

Assim, Hafid Gafaiti vai analisar o contexto da pós-colonialidade e da desconstrução do mito da nacionalidade, levantando aspectos que permitam avaliar sua condição de espaço e tempo de mobilização de novas práticas de destruição e de criação, de dominação e de liberação, tendo em vista a necessidade de extrair do enfrentamento crítico do desastre, da expatriação e da diáspora a possibilidade de pensar uma nova forma de humanismo. Seguindo essa mesma trilha, o ensaio de Walter Moser, por sua vez, analisa o modo como a experiência da mobilidade e da velocidade excessivas, em nível físico e imagético-virtual, pode ser incorporada numa experiência estética e crítica do movimento e da volatilização, através do reagenciamento performático da linguagem verbal e visual. A mobilidade e a contaminação da linguagem são também objeto de reflexão de Maria Bernadete Velloso Porto,

que focaliza a *errância* como sintoma de um produtivo “apetite do mundo”, associa-a a uma releitura do mito de Babel e analisa então suas implicações sócio culturais pelo viés das práticas de aprendizagem e tradução lingüística.

A partir de uma inflexão mais especificada da noção de diáspora, Thomas Bonnici vai analisar o modo como ela é representada nos romances de Caryl Phillips, tomando a cultura caribenha como contexto e apontando aí para uma radical diferença de significado entre formas antigas e contemporâneas dos processos de dominação e expropriação econômica, que originam a escravidão, a imigração, o exílio, o tráfico humano. Também Sonia Torres parte de uma mirada mais pontual e analisa romances de Guillermo Verdecchia e Guillermo Gómez-Peña, o primeiro um canadense de origem argentina, o segundo um mexicano “chicanizado”, de modo a identificar como efeito de fluxos migratórios a construção discursiva de identidades fronteiriças e contribuir assim para problematizar o próprio conceito de *latinoamericanidade*.

Essa problematização é também o objetivo de Alvaro Fernández-Bravo, que, privilegiando a reflexão teórica, empreende uma crítica à historiografia latinoamericana tradicional, avaliando a posição marginal nela atribuída à literatura brasileira e a relação entre esse procedimento e a forma de pensar os vínculos entre Europa e América em função de noções como as de *originalidade*, *imitação* e *parasitismo*. Também de uma interessante reflexão historiográfica acaba por relevar o ensaio de Mario Cámara. De fato, embora enfocando especificamente a obra de Paulo Leminski, Mario vai discutir como formas diferenciadas de recepção crítica à obra do escritor, no caso as de Caetano Veloso e Haroldo de Campos, implicam atribuição a ela de determinado valor de origem tão significativo quanto arbitrário, que pode ser abalado por novas leituras e evidenciar a força deslocadora da posterioridade sobre a construção de uma genealogia estética. Com preocupação semelhante, Adriana Rennó aponta as limitações do paradigma tradicional de leitura e definição historiográfica da literatura neoclássica, enfatizando a relação entre poesia, particularidade e musicalidade na obra de Caldas Barbosa, sua valorização performática da oralidade e, assim, a possibilidade de aproximação com a estética romântica.

O efeito da instabilidade e da mobilidade de fronteiras na figuração discursiva da subjetividade é o tema dos ensaios de Heidrun Krieger, Lucia Helena Vianna e Sheila Maciel. A primeira discute os vínculos entre a experiência particular e a acadêmico-institucional, entre a auto-reflexão e a reflexão teórica e historiográfica, através da noção de *ego-escritos*, utilizada na leitura das autobiografias intelectuais de Peter e Christa Burger. A segunda analisa as relações entre ficção

e confissão na escrita autobiográfica de Lucio Cardoso, ao mesmo tempo em que aponta para a estreita vinculação entre a "escrita de si", segundo uma noção foucauldiana, e a definição de uma genealogia intelectual e cultural. A terceira, partindo da análise do conto *O caminho de San Giovanni*, de Italo Calvino, aponta para a possibilidade de identificação entre textos ficcionais e confessionais do escritor, ressaltando neles a estratégia memorialista constituída pela atribuição de valor temporal ao espaço físico e narrativo labiríntico.

A associação entre desconstrução de limites discursivos e transformações em termos da produção e da circulação bem como do próprio valor do texto literário é, com outro tipo de ênfase, também o eixo dos ensaios de Andrea Portolomeos, Luiz Carlos Simon e Patricia Moretzsohn. De diferentes modos eles vêm contribuir para a tentativa de definição de um espaço crítico que supere a dicotomia entre o erudito e o popular, o artístico e o midiático. A primeira critica o processo de marginalização do gênero crônica, enfocando seu surgimento no Brasil e associando-o à modernização das cidades, ao aumento do público leitor, à implantação da imprensa jornalística e à profissionalização da atividade literária. O segundo analisa nas crônicas de Rubem Braga a configuração de um novo padrão de intimidade amorosa, a partir de um reagenciamento diferenciado da memória e da integração de procedimentos líricos e narrativos. A terceira resgata a história das relações entre melodrama e folhetim, associa-a também às relações entre lógica de mercado, imprensa e valor estético, e, a partir da análise da apropriação da narrativa romanesca de Rachel de Queiroz pela linguagem televisiva, aponta para a construção de uma imagem contemporânea de heroína. Viviana Gelado aborda o trabalho dos escritores Roberto Arlt, Nicolas Olivari, Roberto Mariani e Enrique e Raúl Tunõn para neles também, identificando a valorização do popular como estratégia vanguardista de mobilização da heterogeneidade discursiva e cultural, denunciar as limitações de uma concepção burguesa de autonomia e valor estético.

Desse modo, abordando a questão da mobilidade cultural e discursiva tanto no âmbito da forma quanto no do valor, desde perspectivas teóricas e historiográficas até a leitura crítica pontual de autores, obras e gêneros, apresentando inclusive textos ainda de pouco conhecimento do público acadêmico, a *Gragoatá 17* pretende colaborar para uma compreensão mais ampla e problematizante de nossa época.

André Trouche e Celia Pedrosa (organizadores)